

VIII Colóquio Internacional  
A Educação pelas Imagens e suas Geografias  
10º Encontro com Imagens e Filosofia  
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -  
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

## DANÇANDO COM AS LINHAS AFETIVAS NOS GIROS DA SAIA

Renata de Oliveira  
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)  
r921163@dac.unicamp.br

### Resumo

O estudo aborda a reconexão do corpo com sua ancestralidade por meio da performance “Ser Giros” e do giro da saia nas danças afro-brasileiras, com base nas epistemologias negras na diáspora. A pergunta central é: o que move a saia? A partir da bainha, onde começa o bordado, Grada Kilomba (2019) aponta a “margem” como um espaço de resistência, transformação e imaginação de novos mundos e discursos. Na obra “Dançando com as linhas afetivas nos giros da saia”, a performance se apresenta como um ponto de confluência (Santos, 2023), onde mulheres, ao girar suas saias, legitimam um corpo que aprende e ensina. Esse movimento amplifica vozes próprias, em vez de reproduzir discursos emprestados ou impostos, conforme propõe Leda Maria Martins (2021). A performance e os bordados articulam elementos que sustentam o giro da vida e evocam o encantamento necessário para que a poesia nasça e flua. O bordado da saia torna visível o invisível (Wunder; Marques; Amorin, 2016), originando um devir: o movimento que entrelaça dança, saberes e caminhos. No barrado da saia, os conhecimentos africanos, afrodiaspóricos e indígenas ganham forma. As imagens bordadas — baobás, navios negreiros, mantos indígenas e orixás — entrelaçam histórias, danças e trajetórias femininas. Assim, a saia bordada se transforma em uma superfície viva onde ancestralidade e corporalidade se unem, traçando caminhos poéticos, políticos e espirituais. A performance revela um corpo em espiral, movido pela memória e pela força das mulheres que dançam e bordam.

**Palavras Chave:** corpo; memória; ancestralidade

### Introdução:

Nos estudos “Dançando com as linhas afetivas nos giros da saia”, busco refletir, por meio da escrita, dos bordados e do meu corpo, como se dá o reencontro com a ancestralidade negra e o empoderamento de um corpo que dança, a partir do girar da saia. A construção para tal conhecimento está baseada nos saberes ancestrais e epistemologias negras em diáspora e nas próprias reflexões em torno do corpo em um tempo contemporâneo; tendo como base de pensamento a ancestralidade, corpo e memória.

Essa construção é composta também pela performance artística “Ser giros”, que começa a ser gestada a partir dos cruzos (Rufino, 2019) de muitas encruzilhadas e pessoas. Foram muitas caminhadas por ruas e praças, muitas escutas e observação dos mais velhos, muitos afetos, partilhas e danças vivenciadas no Grupo de Teatro e Danças Populares Urucungos, Puítas e Quijêngues, o privilégio de ter convivido com Raquel Trindade de Souza, a força e a persistência de minha Mãe sempre cantando pela vida e os movimentos, agruras e alegrias sendo compartilhados entre as mulheres dos cursos de danças afro-brasileiras ministrados por

Performance “Ser Giros” disponível na íntegra em: [Vídeo](#) <Último acesso em: 16/09/2025>

VIII Colóquio Internacional  
A Educação pelas Imagens e suas Geografias  
10º Encontro com Imagens e Filosofia  
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -  
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

mim e com as confluências (Santos, 2023) entre os coletivos de cultura popular e afrodiaspórica de Campinas-SP.

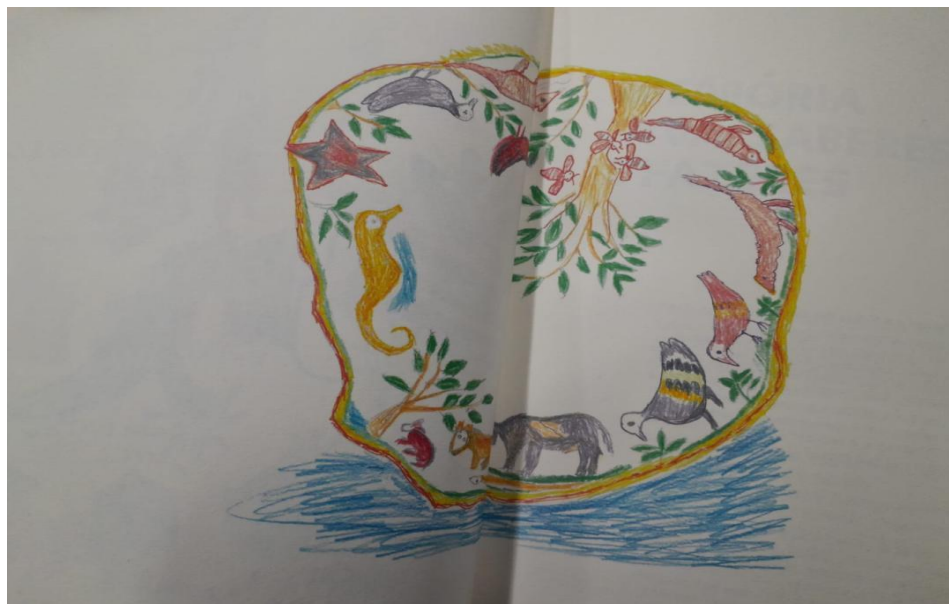
A performance “Ser Giros” como sendo a encruzilhada de várias trajetórias que se atravessaram e que ainda se atravessam para compor vida e giros, onde a voz e as histórias tenham legitimidade e/ou estreitamento afetivo - parafraseando Leda Maria Martins (2010), em seu livro “Performance do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela”.

“Ser Giros”, para além das memórias afetivas e corporais, das relações com as mulheres que carrego comigo ao longo da minha trajetória, é composta também por elementos artísticos e culturais que sustentam o sonhar e o girar da vida expressos pela performance. Elementos que provocam o encantamento para que o desenvolvimento poético nasça, se desenvolva e flua. Músicas, cantos, instrumentos musicais, fotografias, bordados livres, tentam “tornar visível o invisível” (Wunder; Marques; Amorim, 2016) para que, a partir dessa perspectiva, surja um devir: um constante movimento de transformação a partir das relações que se tece. Fabular dentro das circularidades, das relações, das músicas, das danças, dos bordados da saia, com as mulheres, segurando na mão de Èṣù e dar quantos giros forem necessários para ser e estar nesse mundo com a ancestralidade que nos pertence; nesse tempo contemporâneo fazendo do corpo sempre uma festa!

### **Desenvolvimento:**

Nesses estudos, o elemento da saia e os bordados do seu barrado se fazem presentes e são essenciais para a compreensão e assimilação desse corpo que está voltando para casa e para a afirmação de sua ancestralidade, uma vez que a saia está presente de uma maneira marcante em quase todas as manifestações da cultura afro-brasileira. E no seu barrado, por meio de bordados livres, linhas afetivas desenham conhecimentos africanos, afrodiaspóricos e indígenas para que o girar da ancestralidade aconteça.

Foi a partir de uma ilustração sobre os saberes indígenas que compunha um livro que nos foi apresentado durante uma oficina sobre plantas e conhecimentos indígenas realizada na Casa do Lago/Unicamp, que comecei a imaginar e fabular com quais imagens o barrado da minha saia poderia ser composto. E as imagens de uma ancestralidade negra sendo gestada, compartilhada e girada a partir da saia foram tomando forma. E nos bordados mais que afetivos de Raquel Franco, esses saberes e filosofias ganham sentido e beleza por meio dos giros da saia e da dança.



**Figura 1:** desenho de Japira Pataxó (Santana, 2022, pg.20-21) / imagem disparadora para os bordados do barrado da saia. – acervo pessoal da pesquisadora

*“Dentro da gente, há muitas gentes.  
Não estamos nunca sós.  
Várias histórias, muitas pegadas.  
Caminhos possíveis, ancestralidades cruzadas.  
Muitos sós.”  
(Renata de Oliveira)<sup>1</sup>*

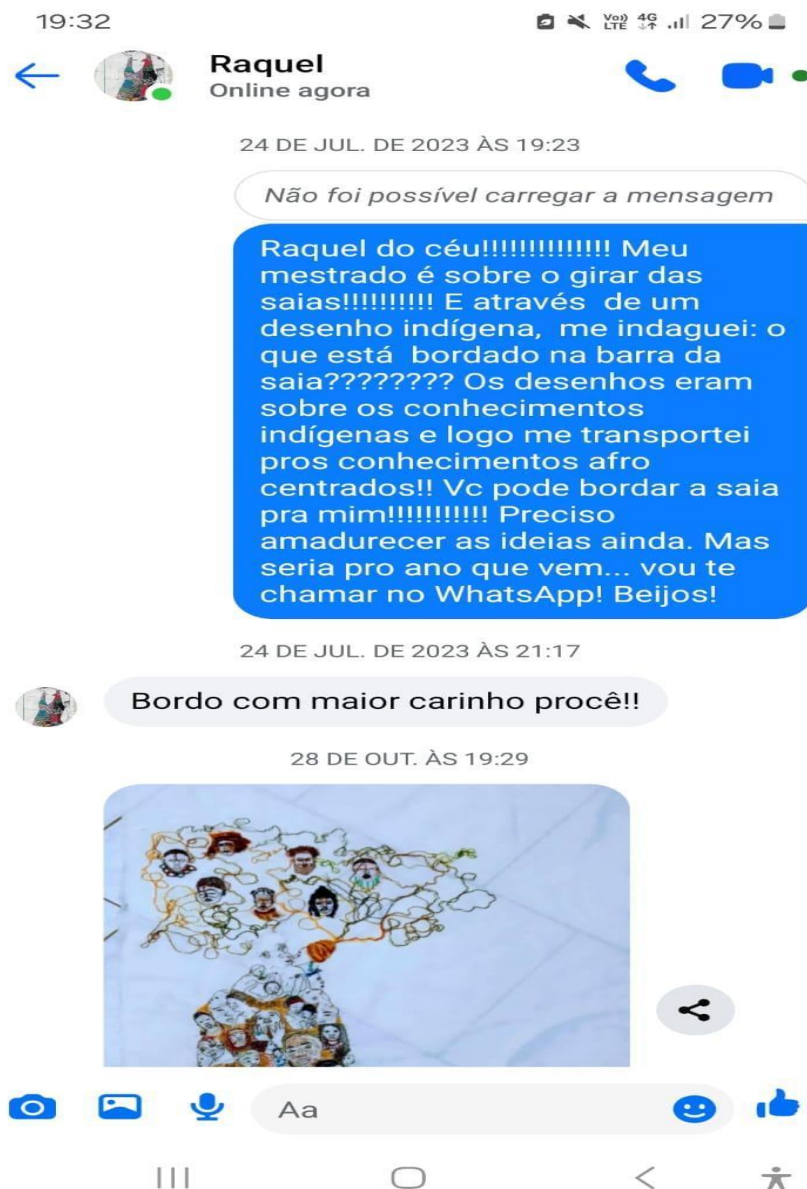
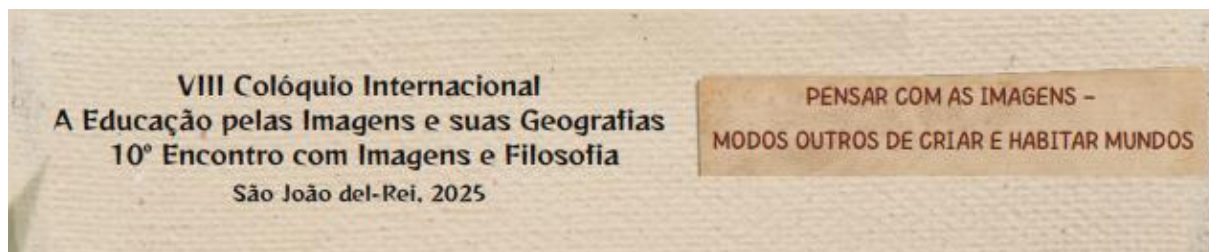
<sup>1</sup> Poética gestada durante a disciplina “Seminário III: Educação e vida em artes e literaturas indígenas” (FE192B) / Faculdade de Educação / Unicamp / 1º semestre de 2025.



**Figura 2:** imagem disparadora para os bordados do barrado da saia. — fotografia do acevo pessoal da pesquisadora

No trabalho com as linhas, a dança e os afetos, duas mulheres tiveram suas trajetórias cruzadas e, depois de muito tempo, o bordado livre nos une novamente, nas histórias e nos giros da vida.

Essa amiga mineira ama dançar, mas sua vida também se faz, e de forma apaixonante, pelas linhas onde ela borda saberes, vidas e mulheres! Minha reconexão com ela se deu por meio de uma rede social onde seu trabalho com a confecção de vestidos e saias para composições coreográficas apareceram para mim.

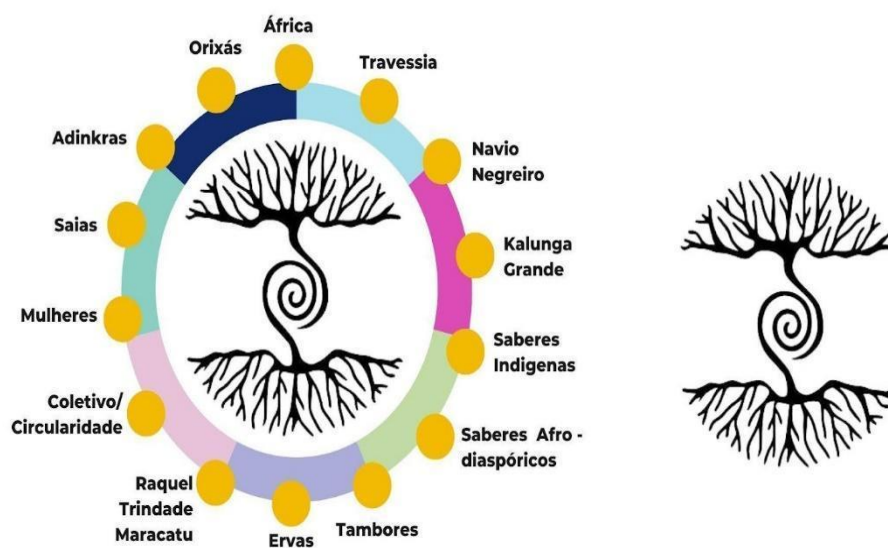


**Figura 3:** conversa com Raquel Franco (acervo pessoal)

Pela afetividade dos seus bordados, fui percebendo uma maneira de materializar esses saberes ancestrais na saia que faz tanto sentido para mim. E já em Poços de Caldas (MG), com bolo de fubá, café, Gal (o gato) e as histórias comoventes das mulheres da família Franco, que ganhavam a vida com a costura e os bordados, começamos a pesquisar as imagens e os saberes que comporiam o barrado da saia. Fomos desde baobás, navios negreiros, mantos indígenas,

Performance “Ser Giros” disponível na íntegra em: [Vídeo](#) <Último acesso em: 16/09/2025>

ervas, tambores, mulheres com suas saias e Orixás até chegarmos na composição de um organograma com esses conhecimentos a serem bordados. As linhas da afetividade traçando os caminhos e as danças do “Ser Giros”.



**Figura 4:** gráfico produzido a partir das pesquisas feitas em torno dos saberes afro diaspóricos e indígenas - fotografia do acervo pessoal da pesquisadora

VIII Colóquio Internacional  
A Educação pelas Imagens e suas Geografias  
10º Encontro com Imagens e Filosofia  
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -  
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS



**Figura 5:** pesquisa de imagens para o bordado - fotografia do acervo pessoal da pesquisadora



**Figura 6:** processo do bordado no barrado da saia - fotografia do acervo pessoal da pesquisadora

A partir dos estudos interseccionando dança, corpo e cosmologias de saberes afro-diaspóricos e indígenas, posso aprofundar e confluír com o estudo das imagens produzidas e bordadas no barrado da saia da performance “Ser Giros”. Como essas linhas afetivas, as imagens produzidas a partir dos bordados e os giros que começam a ser dados a partir da performance, dialogam com os autores, saberes e arte negra e indígena.

Essas experimentações me permitiram uma maior compreensão sobre como melhor gestar e vivenciar a performance “Ser Giros” a partir do trabalho com as imagens e como “tornar visível o invisível”, a partir das movimentações do corpo, dos giros da saia, dos bordados e dos conhecimentos africanos, afro-diaspóricos e indígenas que foram sendo alinhavados para fazer girar toda uma ancestralidade. E mais um cruze e mais um giro foi dado.

VIII Colóquio Internacional  
A Educação pelas Imagens e suas Geografias  
10º Encontro com Imagens e Filosofia  
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -  
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

Pensadores e artistas, que tem como norte os saberes afro-diaspóricos e indígenas, como por exemplo, Leda Maria Martins, Antônio Bispo dos Santos, Luiz Rufino, David Kopenawa, Bruce Albert, Cláudia Andújar, Ailton Krenak, Anai Vera, Carlos Papá e tantos outros, possibilitaram a reflexão e as confluências (Santos, 2023) entre esses pensamentos, os bordados afetivos no barrado da saia e o corpo que dança as imagens, as linhas e os conhecimentos.

Minha reflexão surge a partir da filosofia yanomami, apresentada no livro de David Kopenawa e Bruce Albert (2010), “A queda do céu”, onde as imagens precisam ser cuidadas e vigiadas. Tudo começa na imagem e se expressa por meio do corpo, segundo a cosmopolítica dos Yanomami. Os bordados feitos por Raquel Franco na saia da performance “Ser Giros”, expressam em suas linhas afetivas o cuidado e a sensibilidade que os conhecimentos indígenas, africanos e afrodiaspóricos carregam. São sonhos, desejos e filosofias bordados no barrado da saia, onde eu expresso e dou vida à essas imagens por meio da dança e dos giros. Os saberes africanos, afro-diaspóricos e indígenas no barrado da saia, expandindo conhecimentos e força ancestral.

As imagens, representadas aqui pelos bordados na saia, são possibilidades de comunicação e que são levadas para o campo da arte, dos bordados e da dança. Não se encontram por um viés da racionalidade, mas pela experimentação, universo mais lúdico e do campo dos desejos e sonhos – a performance “Ser Giros”. O corpo expressando-se e movendo-se a partir das imagens. A construção de conhecimento a partir desses bordados, dá sentido à dança e às movimentações, a partir desse mundo ontológico construído dessas percepções e perspectivas.

Em uma perspectiva yanomami, os sonhos e os desejos integram o dia a dia, as decisões e a identidade do ser. A imagem, advinda desses mundos outros, representa a energia vital, vinda do corpo, fazendo dançar os sonhos, os desejos e as percepções. Os Yanomamis têm essas imagens como caminhos a serem pisados, vividos; marcas que todo ser carrega em si formando a sua identidade.



**Figura 7:** bordados dos saberes indígenas que compõem o barrado da saia - fotografia do acervo pessoal da pesquisadora

A noção de “ser (com valor de) imagem” (ne utupe), constitui, conforme dissemos, o centro de gravidade conceitual da ontologia e da cosmologia yanomami. Ela define tanto a essência vital/a imagem corporal que constitui o núcleo de todo ente, como o modo de ser dos ancestrais mitológicos (yarori pe) aos quais dá acesso o “ver” do sonho e do transe xamânico. Porém, nenhuma dessas ‘imagens’ era jamais transposta para um suporte material enquanto representação figurada. Os Yanomami, claro, usam pinturas corporais, que remetem aos ornamentos dos ancestrais yarori pe, indistintamente humanos e animais. Entretanto, o repertório gráfico [...] não tem nada a ver, na língua yanomami, com o conceito de “imagem” (utupe a). Tais elementos gráficos são designados como “rastros”, “pegadas”, ou talvez melhor, “marcas” (õno ki). (Albert; Kopenawa, 2023, p.86)

VIII Colóquio Internacional  
A Educação pelas Imagens e suas Geografias  
10º Encontro com Imagens e Filosofia  
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -  
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

Davi Kopenawa, em “O Espírito da Floresta” (2023), diz que “nós fazemos dançar as imagens ancestrais...”, que nos são reveladas através dos sonhos, afirmando, assim, nosso pertencimento e nossa construção do que se é no mundo a partir das nossas vivências, trajetórias e sonhos, uma vez que “território não é o que você ocupa, mas o que te define.” (Kopenawa; Albert, 2010).

A dança e o corpo, nesse mundo das imagens, para os Yyanomami, têm relevante importância para nos compreendermos enquanto indivíduos e para a devida comunicação com nossos ancestrais e antepassados, e nos situa em um tempo atual sem deixar nossas raízes com a ancestralidade que nos compõe, porque:

Os espíritos xapiri pe dançam para seus pais, os xamãs, desde o primeiro tempo até agora... Os espíritos dançam todos juntos em cima de grandes espelhos que descem dos céus. Nunca ficam “cinzentos” como os humanos... Milhares deles chegam até nós dançando, agitando folhas de palmeira novas, que eles abanam em todas as direções, soltando gritos de alegria e cantando a plenos pulmões, sem parar. Seus caminhos parecem fios de aranhas brilhantes como o esplendor da lua e seus enfeites de penas se balançam lentamente, ao ritmo de seus passos. É uma alegria vê-los tão bonitos!... suas imagens daquele tempo dançam para nós agora, como espíritos xapiri pe. Esses antepassados são verdadeiros antigos... são seres invisíveis e nunca morrem. Nem a fumaça da epidemia dos brancos é capaz de queimá-los e devorá-los, eles jamais desaparecerão. Seus espelhos sempre brotam de novo. Os brancos desenham as linhas de suas palavras porque seu pensamento é cheio de esquecimento. Nós guardamos as palavras de nossos antigos dentro de nós, há muito tempo, e continuamos a passá-las sucessivamente aos que vêm depois de nós... É por isso que, embora sejam muito antigas, as palavras dos espíritos sempre ficam novas. São elas que fazem crescer nossos pensamentos. São elas que nos fazem ver e conhecer as coisas das terras longínquas, as coisas dos antigos. São nossos estudos, é o que nos ensina a sonhar as coisas da terra-floresta. (Kopenawa; Albert, 2010, p. 102 – 104)



**Figura 8:** bordados dos saberes indígenas que compõem o barrado da saia — fotografia do acervo pessoal da pesquisadora

A partir dos saberes africanos, afrodiaspóricos e indígenas bordados no barrado da saia, podemos dar vida, sentido e representatividade às imagens por meio da performance, por meio do corpo. O corpo amplia a voz desses conhecimentos ancestrais e dá forma às imagens.

Anai Vera e Carlos Papá<sub>2</sub> em “Jeroky: a dança do broto” (2023, p.133-134), apresentam que:

“tudo que nasce é como um broto. Tudo que brota, dança: ojeroky. Assim, dançando, as coisas surgem e crescem. O termo guarani -jeroky é traduzido como ‘dança’, mas, se nos aprofundamos em sua raiz, significa ‘desabrochar-se como uma nova semente’ (-je = reflexivo, -ro = flexão verbal da 1ª pessoa; -ky = broto novo). A nova semente germina na escuridão do subsolo e dela desponta a raiz que vai se propagando. Aparece a primeira folha que, dançando, precisa sair do subterrâneo em busca de luz. Com nossos corpos acontece o mesmo: precisamos dançar para sair do ventre materno em direção à luz”<sup>2</sup>.

VIII Colóquio Internacional  
A Educação pelas Imagens e suas Geografias  
10º Encontro com Imagens e Filosofia  
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -  
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

Sendo assim, tudo que brota, nasce, sonha e fabula, dança! Os bordados alinhavados a partir de afetos e histórias no barrado da saia por Raquel Franco para a performance artística “Ser Giros”, insurgem-se em grão: Nhe’ery. Insurgem como um broto flexível, crescem e espalham-se a partir de saberes ancestrais, que nos conecta com nossa ancestralidade e história por meio do que nos faz mais humanos: na relação com tudo e com todos. Esse também é o pensamento yanomami e o pensamento advindo de comunidades africanas e afrodiáspóricas: o ser e as relações que ele tece são valiosos demais. E a partir dos sonhos, desejos e imagens, nossos corpos são um elo potente para que a comunicação entre ancestralidade e memória se faça.

## Conclusões

E essa relação, que evoca tudo e todos nos estudos “Dançando nas linhas afetivas da saia” e na performance artística “Ser Giros”, traz a evidência e a magnitude do corpo da mulher e suas confluências com as encruzilhadas da vida enquanto potência para se traçar e reafirmar os caminhos e a própria identidade partindo do girar da saia e das imagens bordadas no seu barrado.

E para fazer girar a ancestralidade confluindo saberes indígenas, africanos e afrodiáspóricos, em “Jeroky, a dança do broto”, Sandra Benites (2023), antropóloga guarani nhandéva, escreve sobre essa relação entre o corpo da Terra e o nosso corpo, principalmente o das mulheres. A Terra e as mulheres têm corpos férteis, porque engendram e geram vida. Benites afirma que o corpo é nosso lugar de conhecimento, nosso ponto de relação com os outros, sendo fundamental para a construção da sabedoria. É hora de fechar os olhos e de ver o escuro dentro de nós, ou, talvez melhor, de nos reconectar com a escuridão para voltar a dançar como brotos e sentir com nosso corpo e (re)lembrar o verdadeiro significado de Nhe’ery e Yvy, desde milhares e milhares.<sup>22</sup>

Nas imagens no barrado da saia e através dos seus giros honramos nossa ancestralidade, corpo e memória!

VIII Colóquio Internacional  
A Educação pelas Imagens e suas Geografias  
10º Encontro com Imagens e Filosofia  
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -  
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS



**Figura 9:** bordados em processo no barrado da saia - fotografia do acervo pessoal da pesquisadora

*“Sou rio, sou vento, sou folha, sou terra, sou ar, sou água, sou floresta, sou raiz. Estou enraizado em minhas memórias e histórias.”*  
(Renata de Oliveira)<sup>2</sup>

<sup>2</sup> Poética gestada durante a disciplina “Seminário III: Educação e vida em artes e literaturas indígenas” (FE192B) / Faculdade de Educação / Unicamp / 1º semestre de 2025.-

Performance “Ser Giros” disponível na íntegra em: [Vídeo](#) <Último acesso em: 16/09/2025>

VIII Colóquio Internacional  
A Educação pelas Imagens e suas Geografias  
10º Encontro com Imagens e Filosofia  
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -  
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

## Referências

ALBERT, Bruce; KOPENAWA, Davi. **O espírito da floresta: a luta pelo nosso futuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2023. BENITES, Sandra. Kunhã py'a guasu. CARNEVALLI, Felipe *et al.* (orgs.). **Terra: antologia afro-indígena**. São Paulo/Belo Horizonte: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019, 244 p.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

RUFINO, Luiz. Pedagogias das Encruzilhadas: Exu como Educação. **Revista Exitus**, v. 9, n. 4, p. 262-289, 2019. DOI: 10.24065/2237-9460.2019v9n4ID1012. Disponível em: . Acesso em: 22/11/2024.

SANTANA, Antônia Braz. **Saberes dos matos Pataxó**. SANTANA, Antônia Braz; BELIZÁRIO, Ana Boross Queiroga; MIRANDA, Victor André Martins de (orgs.). Belo Horizonte, MG: Teia dos povos: Piseagrama, 2022.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

VERA, Anai; PAPÁ, Carlos. Jeroky, a dança do broto. Revista **PISEAGRAMA**. Belo Horizonte: edição especial Vegetalidades, 2023, p. 132-141.

WUNDER, Alik; MARQUES, Davina; AMORIM, Antonio Carlos Rodrigues de. Pesquisa-experimentação com imagens, palavras e sons: forças e atravessamentos. **Visualidades**, Goiânia, v. 14, n.1 p. 104-127, 2016. DOI: <https://doi.org/10.5216/vis.v14i1.43043>